

O CINEMA VAI AO PRESÍDIO: ENTRE SALAS, CELAS E CENAS, A IMAGEM NA PESQUISA

Klênio Antônio Sousa

klenio.antonio@gmail.com

Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – ESEBA/UFU

Silvia Maria Cintra da Silva

silvia_ufu@hotmail.com

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Resumo:

O cinema traz em si a potencialidade de levar o público a ter contato com diferentes culturas e modos de ser e estar no mundo. Neste sentido, a função educativa da sétima arte é inquestionável, sendo um fio condutor da presente pesquisa realizada no contexto educacional de uma unidade prisional de uma cidade de Minas Gerais. Tomando o conceito de mediação em Vigotski, a investigação teve como objetivo compreender as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento desencadeadas pelo cinema como instrumento mediador da aprendizagem. A pesquisa foi realizada com dois grupos de alunos da escola de um presídio: alfabetização e ensino médio, com uma média de 15 alunos/internos por grupo. Foram organizadas vinte e duas sessões quinzenais com a exibição de filmes nacionais e estrangeiros, selecionados pelo critério de apresentação de inovações na linguagem cinematográfica, seja no roteiro, na fotografia e/ou em outro aspecto específico deste universo. Durante estas sessões, buscamos promover o debate a partir de temáticas desencadeadas pelos filmes, instigando o diálogo entre os internos. A metodologia da pesquisa-ação conduziu este estudo, pois atende ao propósito tanto de construção de dados quanto de intervenção no contexto da realidade, da concretude material dos sujeitos de pesquisa e, neste sentido, o pesquisador não é somente observador, mas participante. Buscamos também levar o cinema para o presídio como atividade cultural, considerando as especificidades do âmbito cinematográfico e a limitação de acesso a esta atividade imposta pelo confinamento. Os internos puderam ter contato com o cinema como arte, ferramenta e instrumento mediador que deu voz aos seus pensamentos e reflexões. Ao assistirem aos filmes, os participantes puderam entender de modo mais aprofundado e crítico o contexto social em que se encontram inseridos, ressignificando suas realidades e, ao mesmo tempo, desenvolvendo interessantes reflexões sobre a própria linguagem cinematográfica. Como um bem cultural que deveria ser amplamente disponibilizado a todos os sujeitos, este estudo aponta o cinema como possibilidade privilegiada no processo de humanização no contexto prisional.

Introdução:

Viajar na imaginação, no tempo e no espaço por meio da ficção é o fenômeno que ao homem se permite pela tecnologia cinematográfica que alimenta seus mitos, sua imaginação, sua crença em toda magia. O cinema oferece um universo híbrido de imagens, sons e cores que nos possibilita sair de nossas concepções de mundo de certa forma cristalizadas e ampliar nosso conhecimento sobre nós mesmos, o outro e o mundo (Spink, 2004).

O cinema, como signo, como materialização do simbólico, traz em si a potencialidade de levar o público a imergir em outros universos, tendo contato com diferentes culturas e modos de ser e estar no mundo. E neste sentido, como destaca Duarte (2002), a função educativa da denominada sétima arte é inquestionável, sendo este um fio condutor da presente investigação, a ser explicitado mais adiante.

Sendo expressão e produto de uma cultura, na tela do cinema encontram-se projetados elementos de tradições diversas, condensações de diferentes culturas: o diretor, o produtor, o roteirista, os atores e toda a equipe responsável pela concretização da obra. Cada um, a partir de seu referencial, suas experiências, sua subjetividade, sua história de vida e experiências com o cinema, traduz a cultura em que se constitui e é constituído e, num processo de internalização desta cultura, dialeticamente ressignifica seus elementos cada vez em que assiste a um filme.



Figura 1

Disponível em:

http://br.web.img2.acsta.net/r_160_240/b_1_d6d6d6/medias/nmedia/18/88/76/85/20005160.jpg, acesso em 14.10.2015.



Figura 2

Disponível em:

http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/arquivos/Image/sociologia_cinema/comonascem_anjos.jpg, acesso em 14.10.2015.

O cinema entra em cena na unidade prisional

Para apresentar o campo da pesquisa e seus participantes, emprego elementos da linguagem cinematográfica para apresentar, neste capítulo, o set de filmagem, isto é, o presídio e as salas de aulas e os protagonistas da trama, ou seja, os internos.

O campo – a unidade prisional

A unidade prisional onde foi feita a pesquisa localiza-se na região Leste de um município de médio porte de Minas Gerais. O prédio abriga presos e condenados regionais, em regime fechado e semiaberto, com capacidade de para 170 vagas, sendo que os pavilhões fechado e semiaberto contêm celas coletivas e individuais, salas de aula, de oficina, de multiuso, de agentes e de encontros íntimos. Os dois pavilhões possuem pátio de sol.

A escola na qual a pesquisa foi feita é uma Escola de Ensino Fundamental e Médio – modalidade EJA funcionando em dois turnos: manhã e tarde. Na ala masculina da escola há cinco salas de aula e um laboratório de informática, totalizando doze turmas de ensino fundamental e médio. Na ala feminina há duas salas. Ainda há uma biblioteca. No total são 18 professores e um diretor. Sendo uma escola estadual, atende às determinações da Secretaria Estadual de Educação com adaptações curriculares feitas entre esta Secretaria e a Secretaria de Defesa Social.



Figura 3

Disponível em: http://bicho-papao.zip.net/images/criancasinvisiveis_f_001.jpg, acesso em 14.10.2015.

A pesquisa

Para a realização desta investigação foram criados dois grupos com alunos da escola de uma unidade prisional cujo número foi definido com a equipe interna de profissionais.

Devido a especificidades dessa escola, foram organizados dois grupos com estudantes, sendo um constituído por 12 alunos do Ensino Médio e outro por oito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram promovidos 12 encontros quinzenais com cada grupo e em cada encontro foi exibido um filme e em seguida aberto o debate para comentários e reflexões. Os registros destas atividades foram feitos pelo pesquisador logo após a saída da unidade prisional.

A opção metodológica pelo grupo deve-se à perspectiva histórico-cultural. Se é nas e pelas relações sociais que nos constituímos, então o grupo mostra-se como uma escolha coerente para a realização de uma investigação que acredita na promoção de processos de aprendizagem e desenvolvimento. Além disto, outros fatores influenciaram na escolha desta metodologia: o fato de não haver um psicólogo escolar na instituição fez com que a entrada do pesquisador/psicólogo escolar não tivesse referências anteriores de trabalhos em psicologia na escola da unidade prisional.

A própria instituição impôs ao pesquisador limites em relação aos procedimentos para registro da pesquisa. Não foram permitidas filmagens ou gravações, fato que também fora considerado pelo pesquisador, uma vez que os internos têm audiências regulares com seus advogados e qualquer registro em mídia poderia comprometer a pesquisa e os internos em razão do embate que se poderia dar-se entre os advogados e a instituição. Além disso, por razões de segurança, não seria interessante

ter os registros em meios eletrônicos porque seria um material a ser transportado semanalmente pelo pesquisador podendo ter seus riscos a posse de imagens e vozes registradas na unidade prisional, fora desta.

A escolha dos filmes pautou-se pelo fator cultural primeiramente, sendo prioridade do pesquisador e da orientadora a exibição de nacionais e internacionais que se diferenciavam do cinema comercial em relação aos elementos que compõem esta linguagem, como direção, fotografia, roteiro e cenografia, dentre outros.

Considerando os critérios supracitados, os filmes apresentados aos participantes foram:

- Mendz, A. et al. (diretores). (2009). *Cinco frações de uma quase história*. [filme-vídeo]. Brasil: Europa Filmes.

- Salles, M. (diretor). (1996). *Como nascem os anjos*. [filme-vídeo]. Brasil: Cinema Brasil Digital.

Cameron, James. (escritor e diretor). (2009). [filme-vídeo]. *Avatar*. Estados Unidos: 20th Century Fox.

- Truffaut, F. (diretor). (1966). *Fahrenheit 451*. [filme-vídeo]. Inglaterra: J. Arthur Rank Film Distributors

- Del Toro, G. (director). (2006). *O labirinto do fauno*. [filme-vídeo]. Espanha e México: Warner Bros. Entertainment Inc.

- Lund, K. et al. (diretores). (2005). *Crianças invisíveis*. [filme-vídeo]. Itália: Paris Filmes (distribuidora).

- Taymor, J. (diretor). (2002). *Frida*. [filme-vídeo]. Estados Unidos: Miramax Films

- Duarte, A. (diretor). (1962). *O pagador de promessas*. [filme-vídeo]. Brasil: Dynafilmes

- Pereira, L.A. (diretor). (2006). *Tapete vermelho*. [filme-vídeo]. Brasil: Pandora Filmes (distribuição)

- Davaa, B. & Falorni, F. (diretores). (2003). *Camelos também choram*. [documentário-vídeo]. Alemanha e Mongólia: Europa Filmes.

- Bianchi, S. (diretor). (2005). *Quanto vale ou é por quilo?*. [filme-vídeo]. Brasil: Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda.

- Góes, M. (diretor). (2007). *O homem que desafiou o diabo*. [filme-vídeo]. Brasil: Warner Bros.

- Bertolucci, B. (diretor). (1998). *Assédio*. [filme-vídeo]. França, Itália: BBC / Fiction Productions / Mediaset / Navert Film.

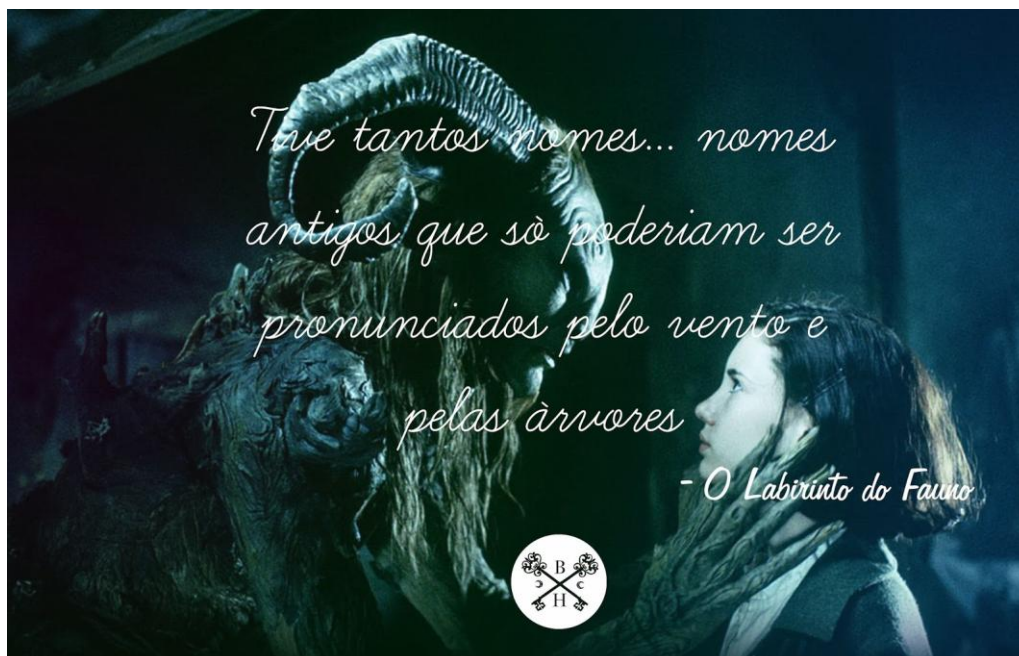


Figura 4

Disponível em: <https://danirubim.files.wordpress.com/2014/01/labirinto-do-fauno.jpg>, acesso em 14.10.2015.

Os protagonistas do estudo

Os alunos que participaram da pesquisa são presos que aguardam julgamento dos crimes que cometeram. Suas idades variavam entre 25 a 55 anos em média, sendo que na turma da alfabetização havia mais alunos com mais idade, chegando aos 55 anos. Na turma da alfabetização, o grupo oscilou entre 5 a 12 alunos e na turma do ensino médio entre 8 a 10 alunos. A maioria reclusa por furto, roubo a mão armada ou tráfico de drogas, sendo raros os casos dos que estavam lá por homicídio. A maioria deles participou ativamente das exposições dos filmes, da pesquisa, aceitou os termos da pesquisa e contribuiu bastante com os debates após os filmes. A maioria se encontrava ali pelo crime que haviam cometido sendo seus laços, em sua maioria, pelas impressões que tive, meramente de colegas de escola ou de cela ou de pavilhão.

Demarcando o campo - A entrada no presídio

Roman (2009) observa que a entrada em um ambiente de internação de jovens já de imediato é percebida como a entrada em uma prisão. Descrevendo a arquitetura e os dispositivos de segurança (muros, portões, a revista de pessoas), o autor apresenta este lugar como um espaço de estada forçada, por imposição com a convivência com a opressão a qualquer tentativa de resistência ou fuga.

Confirmei esta observação do autor ao ingressar no universo desta pesquisa. A entrada neste presídio, como em qualquer outro, teve seus trâmites burocráticos inevitavelmente necessários, mas ao mesmo tempo foi facilitada pelo fato de eu já

pertencer a uma rede de enfrentamento da violência e da criminalidade – Revic¹. Dentre a burocracia, foi necessário mudar o termo de autorização da pesquisa várias vezes a pedido do diretor da unidade prisional².

No primeiro dia da pesquisa, as equipes que trabalham em revezamento de turnos começam a me reconhecer após várias entradas no presídio organizando toda documentação para a pesquisa: autorizações, cartas, memorando etc., facilitando e agilizando minha entrada e a chegada até a escola. São cinco instâncias por que devo passar até chegar a ela. A primeira é o portal principal aonde todo mundo chega e nele devo anunciar que vou falar com o diretor da escola – talvez o jaleco que trago nas mãos (obrigatório) tenha alguma representação institucional e facilite a primeira entrada, uma vez que todo o corpo de funcionários da educação e da saúde: professores, diretor, assistente social, psicólogo, médico, enfermeiros etc., é obrigado a usar o jaleco.

A segunda instância a ser transposta é uma sala que funciona como recepção. Devo anunciar novamente que irei à escola e, então liga-se para lá, de modo que alguém da equipe pedagógica venha para me acompanhar. Sou informado pela professora que veio me escotar no primeiro dia que com o diretor da escola a entrada é mais fácil. A professora me encontra na terceira instância, onde deixo minha chave do carro e identidade. Nesta entrada, sou revistado pelo agente de segurança por apalpamento e em seguida ele examina meu material, folheando meu caderno de anotações, minha agenda e o filme em DVD³ que iria exibir para os internos.

O agente de segurança questiona a presença do DVD e pede que a professora o guarde no armário dela. Informo a ele que tive permissão do diretor por escrito para a pesquisa. Então o agente chama o diretor de segurança e explico a ele a mesma história da autorização do diretor-geral. Depois destas explicações finalmente tenho liberada minha entrada com o filme.

Na quarta instância passo pelo detector de metais antes de se abrir o quarto portão. Por último, abre-se o portão do pátio da escola. Em frente a ele fica uma guarita com um ou dois agentes de segurança. Para a entrada no presídio, não se permitem roupas de cor vermelha, preta ou cinza; a primeira cor por causa dos uniformes dos internos e as outras pelo uniforme dos agentes de segurança; roupas com estas cores são chamadas de “camufladas”.

Na escola sou recebido pela pedagoga, coordenadora do turno da manhã e também professora da turma de alfabetização. Uma das professoras traz o televisor até a sala onde os internos já estão me aguardando.

¹ Rede de enfrentamento à violência e criminalidade de Uberlândia – uma rede da qual participavam equipamentos e atores sociais envolvidos direta ou indiretamente com questões da violência no município: promotores, Polícia Militar, assistentes sociais, Conselhos Tutelares, dentre outros.

² Além disto, o texto não poderia deixar aberturas para exceções e a forma de tratamento na correspondência deveria ser como o diretor aceitava – a de coronel reformado do quadro da polícia militar.

³ Abreviatura de *Digital Versatile Disc*.



Figura 5

Disponível em: <http://artecinemafilme.blogspot.com.br/2015/06/dvd-assedio-lasedio-bernardo.html>, acesso em 14.10.2015.

A transferência do preso para a escola

A aula está programada para começar às 8 horas da manhã. O ritual inicia-se às 7 horas, quando os alunos vão para o café da manhã em um salão do pavilhão onde ficam. Em seguida passam por uma revista e ficam em uma sala enquanto esperam para serem conduzidos às salas de aula. Os agentes não transferem todos de uma turma ao mesmo tempo; eles são conduzidos algemados para as salas em pares ou trios. Ao chegar ao portão da sala, o preso tem sua algema retirada e pendurada na grade do portão da entrada e então passa para dentro dessa.

A sala de aula – o cenário

A sala da turma de alfabetização tem aproximadamente 4m x 5m, pintada de cor verde até a metade e na parte superior cor creme tinta a óleo. O piso é de cimento liso. Em duas laterais há grades para arejamento, próximas ao teto, com aproximadamente 50 cm de altura. A mobília consiste de carteiras com mesa conjugada ou cadeiras e mesas. Na frente há uma mesa para o professor e seu material, um quadro verde e sobre este há cartazes em tamanho ofício com desenhos⁴ cuja letra inicial dos nomes corresponde, na sequência, ao alfabeto de A a Z. Na sala não permanecem os materiais utilizados nas aulas, somente as carteiras⁵. Ao sair da sala de professores, estes levam caixas contendo todos os materiais necessários, levando-as de volta ao final da aula.

Os internos recebem água em garrafas pet e canecas de plástico distribuídas por um preso que fica de fora das salas/celas para esta função e para distribuição também de café e pão quando os internos não tomam o café da manhã antes de ir para a escola. É permitido ao preso ir individualmente ao banheiro que fica ao lado das salas, acompanhado por um ou dois agentes de segurança.

⁴ Também utilizados para trabalhos com crianças.

⁵ Em uma unidade prisional, qualquer objeto pode vir a ser uma arma em potencial, não sendo, portanto, permitido algum objeto a não ser a mobília.

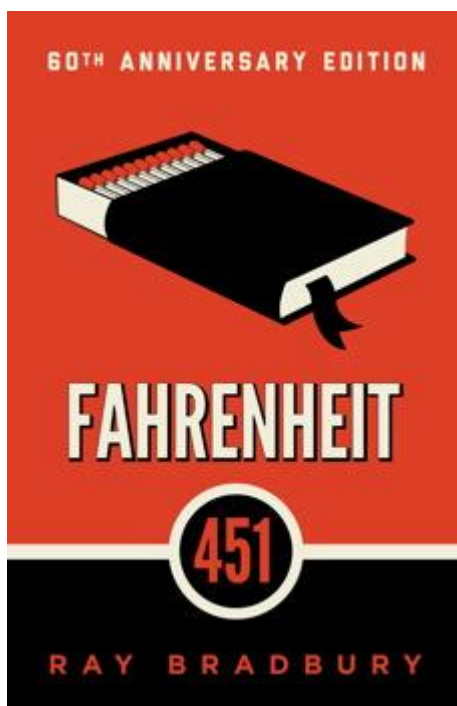


Figura 6

Disponível em: <http://books.simonandschuster.com/Fahrenheit-451/Ray-Bradbury/9781451673319>, acesso em 14.10.2015.

Salas/celas, cenas/sinas

A cela de aula é um nome que tomo emprestado ao ler uma dissertação de mestrado⁶ sobre educação prisional e após algum tempo neste ofício de pesquisa, este nome - e o trocadilho - soa quase que natural: da cela para a sala, a cela de aula.

Pesquisador e pesquisados cumpriram uma rotina delineada pelo tempo da pesquisa, praticamente de um ano. E nesta rotina, psicólogo/professor e aluno/interno tornaram-se sujeitos comuns no cenário da unidade prisional. A proposta de pesquisa-ação não poderia ter sido diferente de muitas pesquisas produzidas nesta perspectiva. Para os internos, não havia diferença se o pesquisador era psicólogo ou professor, eles se referiam a mim como professor, fato já mencionado.

Para os internos, também parecia não haver diferença entre a pesquisa ou uma aula regular. Inserida na grade horária, no horário de aulas, a atividade com o cinema para eles era considerada uma aula como outra qualquer. Alguns até mesmo se esforçavam em participar como alunos, com receio de repressões por parte da pedagoga ou pelo diretor da escola. Não houve repressões explícitas, mas no primeiro dia de pesquisa

⁶ Moreira, F.A. (2008) A política da educação de jovens e adultos em regimes de privação de liberdade no estado de São Paulo. Dissertação de mestrado. USP

houve recomendações severas da pedagoga responsável pelo turno para que colaborassem com meu trabalho, sendo a palavra “colaborar” usada mais de uma vez. Um episódio que confirmou isto foi quando o pesquisador informou que a participação deles seria registrada (o que ao final não ocorreria, dado o caráter sigiloso da pesquisa neste contexto). Um dos internos veio, ao final da pesquisa naquele dia, dizer que havia participado e esboçou sua preocupação em ter algum registro negativo por isto.

Ao se analisar os dados construídos na pesquisa é importante mencionar algumas observações de Duarte (2002) sobre a relação do público com o filme: “...nem sempre o que o espectador vê é exatamente aquilo que o realizador ou produtor espera ou deseja que ele veja.” E, ainda, que “...o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados. Ao contrário, esse olhar é permanentemente informado e dirigido pelas práticas, valores e normas da cultura na qual ele está imerso. (Duarte, 2002, p. 67).

Vigotski (Davis, 2005) concebe o sujeito epistêmico que interage e se apropria ativamente da cultura, a partir das condições concretas do contexto cultural em que vive. Neste sentido, a pesquisa permitiu o acesso dos internos à cultura do cinema, da arte cinematográfica e, ao longo do estudo, observei um aprendizado, um aguçamento da crítica sobre os filmes e um desenvolvimento das percepções acerca das cenas dos filmes. Eles estabeleceram diálogos com suas cenas pessoais e, a partir das histórias apresentadas nos diferentes filmes, com suas histórias, ao longo dos meses de realização do estudo.

Destaco que não foi objetivo deste trabalho comparar a apresentação dos filmes nas turmas de Alfabetização e do Ensino Médio, mas compreender a repercussão destes nestas duas turmas de alunos da escola da unidade prisional.

Para Vigotski (2006), o sujeito aprende relacionando-se com o mundo material, tendo o meio social e o signo como mediadores. O ambiente que foi criado na escola foi um ambiente de oportunidades de mediação do aprendizado a partir do momento em que se abrem as cortinas de um novo cenário, como o cinema. Ao abordar a aprendizagem, a teoria histórico-cultural afirma que o contexto propício à aprendizagem, para Vigotski (Góes, 1991, p. 20), é aquele que cria sucessivas zonas de desenvolvimento próximo. Portanto, o cinema, sendo ao mesmo tempo signo e instrumento, propiciou aos internos simbolizarem e darem sentido ao visto, ao ouvido, ao percebido e ao sentido.

Isto posto, consideramos que a indagação inicial da pesquisa de que se era possível utilizar o cinema como instrumento mediador da aprendizagem em uma escola do contexto prisional encontra sua reverberação na tessitura dos diálogos que tomaram o cenário da sala de aula, na participação dos internos/alunos, nas considerações destes e na constante disposição de debater, se envolver e finalmente, na expectativa destes com relação ao próximo filme. Tais elementos foram indicativos de um fator motivacional – importante no processo de aprendizagem. Além disto, o senso crítico que fora construído numa crescente ao longo da pesquisa revelou outro indicativo de construção de pensamento mais refinada ou, como na teoria histórico-cultural, o uso mais apurado das funções psicológicas superiores.

A produção de diversos comentários durante os debates após a exibição dos filmes indica que os participantes puderam ampliar a percepção sobre estes e vivenciar um processo de apropriação das especificidades da linguagem cinematográfica, o que também possibilitou outros olhares sobre si e o outro.

Observando-se, desde o início, a participação ativa no processo - sendo esta espontânea ou não, uma vez que para além do objetivo de receberem educação formal, os internos objetivam também a remissão de suas penas – os internos expressaram-se de forma crescente ao caminhar da pesquisa. Mesmo aqueles que iniciaram sua

participação posterior por terem chegado à unidade prisional após o início da pesquisa, contribuíram para o debate e foram aprendendo uma forma crítica de perceberem a realidade e de se perceberem.

Lembro-me de uma fala de um dos internos de que só tinham acesso a programas na televisão comercial, sem terem oportunidade de debate crítico devido ao tipo de programação oferecida. Outro, ainda, afirmou sobre o trabalho com os filmes: “*É bom que a gente pensa. Ficar lá dentro da cela cansa. A gente cansa de ficar lá lotado com muita gente*”, apontando outra dimensão propiciada pelo estudo. Esta pesquisa também se mostrou como uma oportunidade importante, ao oferecer um tempo e um espaço diferenciados na aridez do cotidiano entre as grades.

Para Vigotski (Davis, 1993), o desenvolvimento psíquico não se pauta em uma linha evolucionista, mas pela progressiva apropriação do mundo cultural. Este processo é histórico e construído nas e pelas relações sociais. E, de acordo com Pino (2005), uma das grandes contribuições de Vigotski à Psicologia foi a eleição da *cultura* como elemento para uma nova compreensão a respeito do desenvolvimento humano. Assim, é importante ressaltar que com a entrada do cinema no presídio, os internos relacionaram-se intensamente com os filmes, dialogando com e sendo constituídos por eles, em uma relação dialética que produziu diferentes sentidos e significados.

As conversações em torno das temáticas geradas pelos filmes foram tomando corpo no desenrolar da pesquisa. Percebi tempos mais longos de discussão desencadeadas por algumas obras e intensas interlocuções entre os internos a respeito destes. Embora partilhassem o mesmo contexto institucional/educacional, estes eram provenientes de realidades socioeconomicamente diferentes. A unidade prisional permitiu o encontro de diferentes culturas, diferentes percepções e tudo isto surgia no bojo das discussões em torno dos filmes. Nas interações entre os sujeitos da pesquisa, constantemente apareciam diferentes visões, conceitos, princípios e valores morais nos diálogos, o que gerou debates que, incidindo sobre zonas de desenvolvimento próximo, instigaram processos de aprendizagem, observados nas sessões seguintes, em comentários mais aprofundados a respeito do cinema.

Na turma do ensino médio, por exemplo, notava-se um aluno, especificamente, que possuía um conhecimento teórico mais amplo posto que lia mais que os outros colegas⁷ e este sempre mostrava disposição para explicar conceitos científicos para os colegas de sala. Por vezes, estas explicações geravam também questionamentos ao pesquisador/professor/psicólogo com a pesquisa adquirindo, por vezes, aspecto de aula formal/expositiva.

Vigotski (2006) escreve que a linguagem é também um vetor de transformação de funções psicológicas, sendo o pensamento produto sociocultural do desenvolvimento da linguagem. Linguagem e pensamento se relacionam dialeticamente e, neste sentido, a linguagem do cinema trouxe para os internos novas formas de pensar, novos olhares para um mesmo fenômeno, novas reflexões.

“Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. [...] Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.” (Vigotski citado por Poli, 2007, p. 123). O set de reprodução de filmes da sala/cela gerou condições de aprendizagem que

⁷ Toda sexta-feira era dia de troca de livros. A professora vinha até a sala de aula com um carrinho de supermercado abastecido com livros para que os alunos pudessem trocar ou escolher obras para lerem em suas celas no final de semana. Este aluno, especificamente, tomava emprestados livros de Filosofia, dentre outros temas.

proporcionaram interações dos internos entre si e com o material cultural apresentado. Imagens e sons permitiram aos espectadores uma inter-relação com as tramas em que puderam apreender sentidos e significados diversos. Como no princípio Freireano (2005), ninguém aprende sozinho, as trocas e os registros feitos pelos alunos deram outras configurações às histórias, ao mesmo tempo em que re-configuraram suas próprias histórias.

Lévi-Strauss (citado por Bosi, 1989, p. 17) aponta que “o pensamento artístico é semelhante ao selvagem pela bricolagem⁸. O importante é o resultado da justaposição dos dados perceptivos, do conjunto, não a origem desses.” Portanto, as análises se pautaram também na construção estética de dados, importando mais esta configuração do que a obra cinematográfica em si. Eisenstein (citado por Bosi, p.47) afirma que: “A linguagem do cinema não se contenta em transmitir o conceito, mas uma via para a construção do conceito.”⁹

A mediação pedagógica trazida pelo cinema pode favorecer processos de aprendizagem e potencialização de habilidades dos alunos-internos que, ao assistirem às tramas, tiveram acesso a outras formas de entendimento acerca do contexto social em que se encontram inseridos e desencadear novos sentidos às suas questões, pensamentos e sentimentos.

Trabalhando-se em uma perspectiva sociocultural, há que se considerar que os sentidos e significados atribuídos pelos internos às cenas, o que se trouxe para o debate, estavam diretamente relacionados ao seu contexto de confinamento. Esta é uma observação importante ao se atuar na Psicologia Escolar. O aprendizado e a produção de sentidos e construção de conceitos interagem dialeticamente com o contexto em que se constituem algo que não pode ser ignorado. Em outro contexto, estes internos produziram outros sentidos. Acrescente-se a isto, o meio sociocultural de onde vieram, seus históricos de delitos, de desobrigações que os trouxeram até uma unidade prisional – tal fato produz singularidades na pesquisa, no ambiente de aprendizagem, com suas idiossincrasias.

Ao assistirem às tramas, os internos sempre fizeram uma correlação com a sua vida diária. Este processo de identificação com os protagonistas e suas histórias traz o cinema como um refletor, um espelho. Duarte (2002, p. 19) expõe sobre a interação espectador-filme nas concepções da cultura. “...certamente muitas das concepções veiculadas em nossa cultura acerca do amor romântico, da fidelidade conjugal, da sexualidade ou do ideal de família têm como referência significações que emergem das relações construídas entre espectadores e filmes”(Duarte, 2002, p. 19). Portanto, ao dizerem que as histórias se pareciam com a vida cotidiana, tal concepção resulta da inter-relação entre trama e audiência. Pode-se concluir que há relação próxima entre espectador e filme. Os internos, ao tomarem contato com as tramas em suas salas/celas, se identificaram com as cenas/senas cinematográficas: “O indivíduo não cria, tampouco descobre signos a partir do nada” (Poli, 2007, p. 126).

⁸ O termo cunhado por Lévi-Strauss diz respeito à montagem, à junção de diferentes aspectos de determinada cultura que se justapõem e ganham novas configurações (Bosi, 1989).

⁹ É importante lembrar que, de acordo com Michael Cole (1992 citado por Japiassu, 1999), Vigotski e seus colaboradores tinham estreitos vínculos com artistas da vanguarda russo-soviética, como Sergei Eisenstein, e se encontravam regularmente “para discutir como as idéias abstratas que estavam no coração do materialismo histórico poderiam ser incorporadas em imagens visuais projetadas sobre uma tela de cinema” (p.8).

No que se refere ao contexto educativo na unidade prisional, as reflexões ali desencadeadas a partir do cinema mostraram-se extremamente potencializadoras no sentido de contribuir para que os internos pudessem desenvolver de modo mais ampliado suas funções psicológicas superiores.

Como escreve Roman (2009, p. 312):

Consideramos de fundamental importância, para a atuação de psicólogos em instituições (que deveriam ser) educativas, a unidade entre os aspectos material e representacional da práxis transformadora. Defendemos que esse princípio oriente o desenvolvimento de experiências de atuação, a diversificação de suas ações e o ensaio criativo, sem com isso perder o norte ético-político de emancipação para as classes sociais historicamente mutiladas de sua humanidade. Estamos certos de que a psicologia pode, assim, contribuir para o fortalecimento de sujeitos críticos e... até transformadores.

Tratar os detentos como pessoas, como alunos, como protagonistas da própria vida mostra-se como tarefa imprescindível no âmbito da escola, no sentido da configuração de um processo educacional de qualidade, que cumpra sua função de socialização do saber (Meira, 2003).

E as luzes se acendem

Quando os irmãos Lumière, em 1895 (Duarte, 2002), apresentaram pela primeira vez ao público um filme que reproduzia o movimento de um trem¹⁰, vários foram os espectadores que correram assustados, confundindo realidade com ficção. Quando no filme “Tapete Vermelho” (Pereira, 2009) o protagonista leva seu filho para conhecer o cinema e o filme de Mazaropi, há um brilho nos olhos do garoto, não um susto como no caso dos franceses do filme dos Lumière. Porém, ambos são exemplos da surpresa e do fascínio que a tela grande exerceu e sempre exercerá nos seus espectadores. Ficção e realidade se confundem o tempo todo, mesmo quando as luzes se acendem.

Quando recebi a proposta de pesquisar cinema no contexto prisional veio-me a possibilidade de explorar mais profundamente o universo de temáticas que me interessam tanto e pude descobrir que o cinema (a ficção) tem se misturado a tantas histórias, a tantos roteiros de vida (realidade) do público pesquisado – a vida imita a arte ou a arte imita a vida, como tão bem descreve a frase-clichê...

Aliar cinema e educação em contexto prisional constituiu-se em um desafio e ao mesmo tempo em algo inusitado, quicá ousado. E não se diz aqui de coragem, mas de disposição para ir ao encontro do outro, sem conhecê-lo, sem saber de suas histórias, suas expectativas e ter um mínimo de pretensão de que as histórias deste outro se entrelacem a tantas outras que a ele foram mostradas.

A intenção de promover o debate ou de, minimamente, disparar conversações

¹⁰ “A chegada do trem à estação de Ciotat” (1895).

parece que foi cumprida como objetivo de pesquisa, uma vez que várias foram as temáticas sobre as quais discorreram os internos: justiça, sociedade, família, economia, educação. Pode-se dizer que houve interações em sala de aula, não importando o domínio ou não de cada um sobre a temática provocada pela exibição do filme, uma vez que não havia preparo específico de um tema a partir de cada obra apresentada.

No que se refere ao contexto educativo na unidade prisional, as reflexões ali desencadeadas mostraram-se extremamente potencializadoras no sentido de contribuir para que os internos pudessem desenvolver de modo mais ampliado suas funções psicológicas superiores.

Tratar os detentos como pessoas, como alunos, como protagonistas da própria vida, mostrou-se uma possibilidade diferenciada apresentada pelo cinema, que poderia ser empregado, assim como outras linguagens artísticas, dentro do sistema prisional de forma mais incisiva.

Não se entra em instituições, quais sejam, e se sai delas sem ser transformado ou minimamente desperto para questões que antes não nos tocavam. Assim como aconteceu com o pesquisador deste estudo, a utilização da arte dialeticamente atinge tanto o mediador que a apresenta quanto os sujeitos desta mediação e, neste sentido, a entrada deste elemento cultural no presídio traz a possibilidade de humanização de uma gama maior de pessoas, que não apenas os detentos. Se esse ambiente muitas vezes mostra-se desumanizado, é fundamental que o mediador vivencie as sutileza de sentimentos e pensamentos que somente a arte pode desencadear, para assim poder legitimar suas ações.

Imerso no universo prisional e nas tramas cinematográficas permitidos pela pesquisa, pesquisador e pesquisados não terão mais o mesmo senso crítico-estético. Inicialmente não havia a expectativa de construção de senso crítico pelos internos, muito menos a leitura aprofundada de uma produção cinematográfica. Entretanto, em vários momentos pôde-se perceber que foram apurando os sentidos ao lerem imagens de forma crítica ou ao analisarem determinadas obras, um tanto por não serem óbvias, outro tanto por trazerem o esperado de uma trama como nos filmes comerciais de entretenimento.

Dada a complexidade desta seara, inúmeras são as possibilidades de trabalho, não se pretendendo aqui dar uma receita sobre como fazê-lo, mas tão simplesmente abrir caminhos, apontar possibilidades. Seria interessante se a pesquisa prosseguisse, com o intuito de buscar informações sobre as relações dos internos com a TV aberta – algo terá mudado após a experiência aqui relatada? Qual a relação com as imagens veiculadas nos canais de TV?

Acredito que esta pesquisa também pode abrir campos de discussão, estudos e trabalhos sobre o universo da educação prisional e do cinema para psicólogos e outros profissionais vinculados ao sistema prisional e que trabalham com imagens – estáticas ou não, ao gerar material que possa ser o ponto de partida para inúmeras ações que venham a contribuir para esta área.

Por fim, como um bem cultural que deveria ser amplamente disponibilizado a todos os sujeitos, este estudo aponta o cinema como possibilidade privilegiada no processo de humanização no contexto prisional.

Referências

- BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1989.
- DAVIS, C. **Piaget ou Vygotsky: uma falsa questão**. Viver: Mente e Cérebro, Coleção Memória da Pedagogia, nº 2: Lev S. Vygotsky. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.
- DUARTE, R. **Cinema & Educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GÓES, M. C. **A natureza social do desenvolvimento psicológico**. Em: Cadernos CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. 2ª ed., São Paulo: Papyrus, 1991.
- MEIRA, M. E. M. **Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: Contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Sócio-Histórica**. Em Meira, M.E.M. & Antunes, M. (Orgs.) (2003). *Psicologia Escolar: Teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- EREIRA. Brasil: Europa Filmes, 2009.
- PINO, A. **As marcas do humano. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.
- POLI, S.M.A. **Freire e Vigotski: o diálogo entre a pedagogia freireana e psicologia histórico-cultural**. Tese doutoramento. São Paulo: USP, 2007.
- ROMAN, M. D. **Psicologia e Adolescência encarcerada: Embates de uma Atuação em Meio à Barbárie**. São Paulo: Unifesp, 2009.
- SPINK, M.J. (org.). **Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004.
- VIGOTSKI, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10 ed. São Paulo: Ícone, 2006.